



O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS¹

Marcio José Lima Winchuar²

Maria Cleci Venturini³

RESUMO

A importância de estudos relacionados ao espaço urbano pelo viés discursivo é a gênese deste artigo, pelo qual se busca identificar os possíveis efeitos de sentidos que sinalizam para uma (re)divisão do espaço urbano, na colônia alemã de Entre Rios, em Guarapuava - Paraná. Para isso, apoiados na teoria da Análise de Discurso, de orientação francesa, pensamos a cidade enquanto um lugar de produção de sentidos, tendo como objeto recortado nomes de ruas que fazem parte da constituição desse espaço.

Palavras-chave: Espaço Urbano; comemoração/rememoração; Análise de Discurso; identificação; (re)divisão.

Considerações iniciais

Este artigo é parte de uma pesquisa maior que tem como objeto de estudo o espaço urbano e como recorte a colônia alemã de Entre Rios, em Guarapuava - Paraná. Diante desse objeto, uma primeira constatação que nos impulsiona a analisá-lo é o fato dele se constituir na tensão entre uma memória estrangeira (alemã) e nacional (brasileira), apontando para efeitos de sentidos que direcionam não só para uma (re)divisão do espaço, mas também, para a união entre as duas nacionalidades.

No distrito de Entre rios, funcionam práticas discursivas ligadas à história da colonização suábica e isso se materializa de diversas formas, entre elas, pela arquitetura, pela língua, pela cultura e, também, por meio das designações de nomes de ruas - nosso objeto recortado nesse trabalho - que constituem e identificam o espaço urbano. Essas práticas não só estabelecem efeitos de divisão entre o que é “nacional” e o que é “estrangeiro” como também apontam para efeitos de contradição, conforme mostraremos por meio das materialidades analisadas nesse trabalho.

¹ Este trabalho foi apresentado no IV CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação: múltiplos olhares - entre os dias 05 e 07 de junho de 2013 e integra os ANAIS do evento.

² Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade de Guairacá, Brasil(2012) Professor Colaborador da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Brasil

³ Doutorado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil(2008) Professor concursado da Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

Os nomes de ruas, conforme Guimarães (2005:52)⁴, “são determinados por uma história de nomes que se repetem para histórias diversas”. No entanto, em Entre Rios, a constituição desse espaço ocorre de uma forma bastante particular, uma vez alguns nomes não se repetem em outros lugares, pois, que há discursos que retomam não só a história e as comemorações “nacionais”, como também, discursos que retomam o “estrangeiro”, que só fazem sentidos a partir das condições de produção encontradas nesse espaço.

As designações de nomes de ruas que retomam os dois países são encontradas em placas monumentais⁵, espalhadas pela colônia, as quais significamos como materialidades de estudo no decorrer dessa pesquisa e chamamos de texto-imagem, analisadas a partir de enunciados-imagem, segundo Venturini (2009a), “espaço interdiscursivo”. Vale ressaltar que os textos-imagem estruturam-se pelo verbal e também pelo não-verbal, considerando que este último funciona como linguagem e é determinado pelo verbal, de acordo com Orlandi (1995).

Nessa linha de análise, lançamos um olhar para a *rua* como um espaço discursivo que institucionaliza determinados nomes e as duas pátrias. Ela é mais do que parte do espaço urbano, ela o estrutura por meio de práticas sociais e discursivas, pelas quais os sujeitos se constituem e constituem esse espaço. Os nomes das ruas funcionam como práticas, à medida que mantêm memórias e fazem retornar discursos de outros tempos e lugares.

Nossa preocupação em identificar como se constitui o espaço de Entre Rios está ligada ao que afirma Orlandi (2004:11), quando postula que “no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um só”, estando um atado ao outro de tal modo que o destino de um é “constitutivo” do destino do outro. Nesse sentido, convém mencionar que para entender o sujeito é preciso entender o funcionamento da cidade, assim como para entender a cidade é preciso entender, também, o sujeito.

A cidade se impõe ao sujeito nos efeitos de realidade, tendo em vista que nada pode ser pensado sem a cidade em suas diversas dimensões, tais como a política, material, cultural, histórica, entre outras, justificado a pertinência da exploração de como os sentidos ocorrem nesse espaço de atuação. Sendo assim, observar a cidade é compreender as alterações de natureza humana e de ordem social, as relações entre sujeitos e como ela se constitui de forma geral, seja no campo coletivo ou individual, não esquecendo que tais observações se dão pelo viés da linguagem (Orlandi, 2004).

A partir disso, convém ressaltar que pensamos a cidade por meio do discurso, enquanto lugar de produção de sentidos, que atua como “lugar de memória”, como um dispositivo que organiza a repetição e as lembranças do passado, protagonizado por ele. Nessa perspectiva, destaca-se a interpretação, já que a cidade pode ser considerada “documento” e apresenta-se pela sua materialidade urbanística, definida pela ordem do discurso como grande texto a ser decifrado e interpretado (Venturini, 2009).

⁴ Trazemos Guimarães (2005) no que se refere a definições de ruas, no entanto, nosso aporte teórico e de análise é a perspectiva discursiva.

⁵ Denominamos placas monumentais as materialidades que permitem a identificação das ruas. As placas são fixadas em pedras ou suportes no espaço urbano de Entre Rios.

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

Para a realização desse trabalho, delimitamos o corpus, nesse primeiro momento, a três materialidades que designam os seguintes nomes: Avenida dos Suábios, Alameda Baden-württemberg e Avenida Rastatt, cidade alemã declarada por lei municipal irmã do município de Guarapuava-Pr. A partir disso, observamos possíveis traços de identificação e como acontece o discurso de *rememoração/ comemoração* da colonização alemã no Brasil, já que tais discursos fazem parte do processo de constituição desse espaço. Acreditamos que há um modo de afirmação da identidade que pode ser observado por esse ponto de vista, principalmente, por discursos da história.

A partir das materialidades, algumas questões se impõem, quais sejam: como nomes escritos em duas línguas distintas (português e alemão) estruturam a contradição e a (re)divisão do espaço urbano de Entre Rios? Que efeitos se evidenciam a partir de uma lei municipal que legitima cidades de nacionalidades diferentes como irmãs? Quais discursos podem ser rememorados/comemorados e quais efeitos de sentidos podem ressoar a partir disso? Seriam sujeitos que habitam um lugar, mas continuam filiados a um outro lugar, a uma Pátria que ficou no passado, mas é sempre rememorado/comemorada?

Com vistas a responder às questões propostas, ancoramos nosso trabalho nos pressupostos estabelecidos pela teoria da análise de discurso, a partir de estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux, partir da década de 1960 e de Orlandi, que no Brasil, relê e amplia os fundamentos teóricos desse campo disciplinar, direcionando, nesse artigo, para estudos sobre a cidade, sua constituição, bem como para processos de identificação, ocorridos por meio desse espaço *na* e *pela* linguagem. Dividimos nosso trabalho em três partes. Na primeira parte, apresentamos nosso objeto de estudo, na segunda entremeamos teoria e análises e, por fim, encaminhamos para os efeitos de fechamento, buscando constituir um efeito de fechamento do artigo, mas não das discussões.

1. A COLÔNIA DE ENTRE RIOS

A formação do distrito de Entre Rios possui ligação com o desfecho da segunda guerra mundial. De acordo com Stein (2011:25) “trata-se de um processo de diáspora que trouxe cerca de quinhentas famílias de refugiados para o Paraná por meio de instituições de ajuda humanitária, principalmente, a *Schweizer Europahilfe* (ajuda Suíça à Europa)”, que contava com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e, também, do Brasil, mais especificadamente, do governo paranaense.

A colônia de Entre Rios, situada em Guarapuava, região central do Paraná foi fundada na década de 1951 pelos suábios do Danúbio ou *Donauschwaben* que é como se identificam os imigrantes advindos da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia e seus descendentes que chegaram ao Brasil na década de 1950. A colônia é formada por cinco vilas: Vitória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia, as quais, juntas, somam atualmente mais de 10.000 habitantes⁶. O distrito de Entre Rios é responsável por grande parte da produção de grãos do Sul do Brasil, sendo um forte setor econômico da região (STEIN, 2011).

⁶ Dados atualizados pelo IBGE – Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=1378>

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

De acordo com o autor, durante o império Austro-húngaro, por volta de 1729, os suábios deixaram sua região de origem e desceram de barco pelo rio Danúbio, a fim de colonizar regiões que hoje fazem parte do sudeste da Europa. Por essa razão, ficaram conhecidos como “Suábios do Danúbio”. Segundo Elfes *apud* Stein (2011), o grupo não procedia somente da região conhecida como Suábia, mas sim, de diferentes províncias do reino alemão, no entanto, todos embarcavam no rio Danúbio, na cidade suábica de Ulm. A denominação “suábios do Danúbio” começou a ser utilizada a partir de 1922.

Convém destacarmos que Entre Rios destaca-se no cenário nacional, não só pelo forte poder econômico, mas também pela sua cultura germânica, uma vez que os suábios que há sessenta anos iniciaram o processo de colonização encontraram meios de preservar “rastros” de sua origem, os quais se dão por meio de seu idioma, seus costumes e arquitetura. Tais “rastros”, presentes no espaço urbano da comunidade, são visíveis também por meio das placas de sinalização de bairros, nomes de ruas, nomes de centros culturais e de saúde, que se apresentam escritos no idioma alemão e português, dando visibilidade aos estreitos vínculos entre os suábios e a Alemanha, em razão de seus antepassados serem oriundos do sul e sudeste desse país. Segundo Venturini (2009:68), “rastros e vestígios linearizam no eixo da formulação o presente cultural do espaço urbano, mas também, a história e memória desse espaço e dos sujeitos que o constituem e são por ele constituídos”.

1.1. O LUGAR DA ANÁLISE DE DISCURSO (AD)

O campo teórico-metodológico da teoria da Análise de Discurso considera o processo de produção de sentidos, tomando como ponto de observação o discurso, entendido Orlandi (2003:21) como “efeito de sentido entre locutores”. Tal teoria relaciona a língua, a história e a ideologia materializando-se no discurso, não procurando uma chave para cada sentido e sim questionando-o em cada materialidade simbólica. Segundo Orlandi (2004:18), “o discurso é uma noção fundadora e a questão de sentido é uma questão aberta”. Para tratá-la é preciso considerar a língua e sua materialidade com a relação da materialidade da história, uma vez que para que ocorra sentido é necessário que a língua se inscreva na história, possibilitando a compreensão de como um texto funciona e produz sentidos.

Nos estudos relacionados à cidade, diferentemente do antropólogo, do sociólogo urbano e de outros especialistas do espaço, a Análise de Discurso atenta-se para a necessidade de compreender a interpretação, devido à compreensão da cidade por meio do discurso, enfatizando o fato de que se faz necessário entender como um objeto simbólico produz sentidos. No trabalho em tela, como as ruas da Colônia de Entre Rios produzem sentidos e como os sentidos funcionam nesse espaço. Atualmente, a cidade é uma realidade que se impõe e nada pode ser pensado sem a ela, uma vez que as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, entrelaçam-se em seu espaço simbólico (Orlandi, 2004).

A cidade, no ponto de vista discursivo, é vista por Orlandi (1999:08) “como um espaço simbólico que tem sua materialidade e que produz uma significância. Ela dá forma a um conjunto de gestos de interpretação que constituem o urbano, cujo discurso se realiza no confronto entre o simbólico e o político”. Convém mencionar aqui que o simbólico e o político conjugam-se nos processos de produção de sentidos, uma vez que para a teoria da

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

Análise de Discurso todo discurso é ideológico, ou seja, não existe um discurso neutro. Quando pensamos a ideologia por meio da linguagem, a temos como um mecanismo estruturante do processo de significação, posto que a ideologia materializa-se na linguagem e é parte de seu processo de significação. É a partir dessa comunhão que se podem observar os “efeitos de sentidos” em determinadas condições de produção (Orlandi, 2003).

As condições de produção do discurso referem-se tanto aos sujeitos, quanto à situação em que ocorre a produção do discurso. Nesse sentido, elas correspondem às situações e aos sujeitos envolvidos no processo discursivo. Relaciona-se ao texto em si (constituição e circulação) e às condições sócio-históricas do que foi dito e às quais os sujeitos se relacionam, por sua vez, por meio das posições ocupadas na formação social e no discurso (Orlandi, 2003).

Tal fato vem ao encontro do que estabelece Pêcheux (1995:160), quando diz que “o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, em sua relação transparente com a literalidade, mas sim, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” no qual os discursos são (re)produzidos. Assim, as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, ou seja, em referência às *Formações Discursivas* nas quais essas posições se inscrevem.

Conforme Pêcheux (1995:161), “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes pelas Formações Discursivas que representam na linguagem as Formações Ideológicas que lhes são correspondentes”. Logo, não é possível pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia, assim como, não se pode pensar a ideologia, em termos discursivos, sem pensar a linguagem.

Venturini (2009:41) postula a cidade como “um grande texto que se constitui e se deixa constituir numa ordem que de um lado é própria dela e de outro se caracteriza por sua ligação com os cidadãos que a habitam e a significam como texto”. Segundo a autora, a cidade apresenta-se não só como um texto saturado, no qual tudo está dito, mas também como uma página em branco a ser escrita, compreendida, lida, interpretada pelos sujeitos/cidadãos que vivem nela e também pelos que a visitam, os quais a significam e são significados por ela.

Nesse campo de atuação, é pertinente a observância de sinais que dão visibilidade a processos de identificação. Pêcheux (1995:163) entende que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”. Em outras palavras, tal identificação que constitui o sujeito ancora-se no interdiscurso, como pré-construído - o que significa antes em outro lugar. Segundo o mesmo autor, as formações ideológicas são representadas por meio da linguagem na formação discursiva. Por isso, se diz que o sujeito se significa e é significado pela sua manifestação linguística, pelo que se reafirma que os sentidos sempre podem ser outros.

É por meio do discurso, que a cidade se significa e os sujeitos que fazem parte desse espaço reafirmam seu pertencimento a esse espaço por meio das filiações identitárias que os inscrevem em redes de memória. É por esse motivo que se afirma que o espaço urbano é um lugar de produção de sentidos, um espaço simbólico em que sujeitos e espaços se significam, se identificam e se constituem por meio das relações existentes entre si. Nesse sentido, a cidade constitui-se numa ordem em que, de um lado, é própria dela e de outro, possui ligação com os cidadãos que a habitam e a constituem como texto (Venturini, 2009).

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

Entre os mecanismos discursivos que estruturam o espaço urbano destacam-se as designações de nomes de ruas. De acordo com Guimarães (2005:43), “os nomes de ruas apresentam-se, principalmente, por seu aspecto cotidiano”. Em outras palavras, são nomes que usamos para encontrar um endereço qualquer, mandar uma carta, etc. Entretanto, é parte de nossos anseios verificar como ocorre o funcionamento discursivo desse espaço, o qual (re)significa-se por meio das condições de produção do discurso.

Pelo ponto de vista discursivo, precisamos levar em consideração o funcionamento da linguagem na história, uma vez que o sujeito constitui-se na e pela história. Nesse sentido, é preciso levar em conta que o nome de rua pode *rememorar/comemorar* outro nome ou um acontecimento em que retomam a história e sua constituição. Por esse viés, podemos afirmar que os nomes de ruas ultrapassam questões de endereçamento, ou seja, produzem sentidos que retornam ao passado e rememoram/comemoram pessoas, datas e acontecimentos históricos.

De acordo com Venturini (2009), para rememorar/comemorar é necessário institucionalizar determinado nome ou evento. Institucionalizar implica normatizar as práticas sociais e discursivas de forma que sejam visíveis, aceitas e significativas para os sujeitos na formação social, constituindo-se como discursos. Vale destacar que a rememoração/comemoração, no entanto, não afeta todos os sujeitos de uma *Formação Discursiva* do mesmo modo, uma vez que os sentidos não são um só e dependem da inscrição desses sujeitos a posições.

A Rememoração funciona como memória em relação ao discurso de comemoração, sustentando-se no interdiscurso pelo efeito do pré-construído. Já a comemoração é tomada no eixo da formulação como a celebração de um nome ou de um evento passado. Na perspectiva discursiva, aquela que tem como objeto o discurso, a rememoração é entendida como memória e a comemoração, como atualidade e os dois discursos são trabalhados concomitantemente (Venturini, 2009).

Os discursos que circulam na colônia de Entre Rios, sobre a “velha pátria” se sustentam, também, pelos nomes de ruas, uma vez que elas não funcionam apenas como formas de localização e sim como lugares de memória, ou seja, de rememoração/comemoração que constituem o espaço urbano que é dividido entre o “nacional”, que se relaciona com o próprio espaço e os nomes que retomam o Brasil e o “estrangeiro”, por meio de nomes que retomam a história da colonização suábica, conforme mostraremos adiante.

Para Venturini (2009:50) os discursos de rememoração, de um lado, “trazem para o domínio da atualidade vestígios de um passado que retorna como recordação e de outro, são interpretados pelos valores sociais do presente, tendo como função instaurar e sustentar o discurso de comemoração”. Nesse movimento, conjugam-se representação e interpretação, num funcionamento que é, ao mesmo tempo, gesto de recordação e de atualização. A possibilidade desse gesto decorre da celebração no presente de nomes de pessoas ou de eventos com base nos quais a memória atualiza saberes. Assim, funcionam como rememoração as memórias que ancoram como comemoração e emergem no eixo da formulação, sustentando o dizer.

2. ANÁLISE DO CORPUS

Para mostrar o funcionamento discursivo de Entre Rios, trazemos primeiramente, a imagem de uma “placa monumental” fixada na Alameda Baden-württemberg. Trata-se um texto-imagem que se dá a ler e que necessita de interpretação, de uma leitura, a qual vai depender dos sujeitos que a leem. Assim, podemos entender que o nome das ruas e a explicação dos possíveis sentidos se constituem como uma tentativa de saturar, fechar as possibilidades de leitura ou de proporcionar ao outro, aquele que chega a esse espaço, a oportunidade de conhecer o funcionamento do espaço e a relação dele com a história/memória de uma nação.

Nessa linha de análise, a materialidade pode ser entendida como um mecanismo *interdiscursivo* que torna possível a observação de “rastros” de identificação que se dão por meio do espaço urbano. O nome de rua atualiza parte da história e memória desse espaço, pois, o que o constitui é um nome que não demonstra efeito de nacionalidade, posto que o nome retoma o que é “estrangeiro” e não o “nacional”, podendo produzir efeitos de sentido de (des)construção identitária. Nessa materialidade, a placa pode funcionar como um “marco-histórico” que assinala a visita do primeiro ministro alemão Erwin Teufel, em maio de 1993, conforme mostramos a seguir.



Texto-imagem 1 - Placa Monumental exposta na Alameda Baden-württemberg , em Entre Rios, Guarapuava- Pr⁷ .

Ao observar a materialidade em questão, algumas considerações são pertinentes, entre elas, destacam-se os seguintes fatores: o termo *alameda* utilizado na materialidade, a presença de placas monumentais, nas quais se disponibilizam as informações, a designação do nome de rua alemã, os discursos encontrados na materialidade, a presença da língua na versão alemã e portuguesa e os representantes de estado no Brasil e na república Federal da Alemanha.

⁷ As imagens das placas monumentais disponibilizadas nesse trabalho fazem parte do acervo pessoal do autor.

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

O termo *alameda* usado no nome do local pode ser definido como “rua ladeada de árvores”, fato característico de alguns locais da colônia, distinguindo-se de outros espaços da cidade, já que se trata de uma colônia com características urbanas. O fato de os nomes de ruas, nesses espaços, serem identificados por meio de placas monumentais nos instiga a buscar entender o que faz com que isso ocorra, posto que as materialidades fazem parte da produção de sentidos desse espaço.

É possível pensar no nome *Alameda Baden - Württemberg* como um lugar de memória, uma vez que os sentidos viabilizam para a história da colonização suábica local e seus laços com o estado alemão, pois, o nome da rua não remete a um sujeito, a um local nacional e nem a uma data comemorativa nacional, mas a um estado alemão. Baden - Württemberg é o quinto maior estado federal, localizado no sudoeste da Alemanha. Nessa conjuntura, podemos pensar que o nome próprio é parte do discurso de rememoração/comemoração que ocorre nesse espaço, uma vez que são trazidos para a atualidade vestígios de um passado que retorna como recordação, sustentando o discurso de comemoração. Em outras palavras, o nome de rua retoma a Alemanha, região de onde os suábios são advindos.

A partir dos discursos encontrados na materialidade são instaurados sentidos que demonstram a ligação e identificação entre as duas nacionalidades, como se observa, a rua foi denominada “*como expressão dos estreitos laços que unem Entre Rios àquele estado patrono dos suábios*”, viabilizando, também, para efeitos de sentidos que se confrontam, uma vez que é “o estrangeiro” legitimado no nacional.

Ao pensarmos em confrontos e efeitos de sentidos de (re)divisão de espaços, isso pode ser canalizado por meio da Língua, pois, ocorre a presença de discursos na versão alemã e portuguesa. Esse fenômeno pode ser considerado um traço de identificação que, ao mesmo tempo identifica um local nacional, pode produzir efeitos de sentidos que não sinalizam para uma nacionalidade brasileira, demonstrando efeitos de identificação com a Alemanha, instaurando a contradição. Nesse contexto, é perceptível a ocorrência de traços ideológicos presentes na materialidade e que significam os sujeitos, a língua e os dois países: o Brasil e Alemanha, país em que a língua alemã é falada. A língua remete, portanto a sujeitos e a lugares, mais especificamente, ao país de origem dos colonos, que habitam o distrito em tela.

Segundo Pêcheux (1995), as formações ideológicas se dão por meio da linguagem e revelam, nesse contexto, processos identificatórios que podem ocorrer de duas formas: ou por parte de brasileiros, que ao visitarem acabam identificando-se com o espaço e com os sujeitos que lá vivem, e também pensando no fato de que o espaço demonstra um pertencimento da colônia e de quem vive lá, à Alemanha, mesmo que esses sujeitos estejam/vivam em espaços brasileiros e se digam brasileiros, há a identidade alemã que teima em ressoar, sinalizando/marcando-os como estrangeiros na pátria que chamam de sua. O sujeito, ao estar em contato com a materialidade no espaço urbano, pode identificar-se com a formação discursiva que o domina, por meio dos efeitos de sentido produzidos, sendo, nesse sentido, interpelado em sujeito.

Dando continuidade às discussões, apresentamos, a seguir, duas materialidades, sendo importante frisar alguns aspectos: os nomes das avenidas, os discursos presentes nas materialidades e a presença da língua na versão alemã e portuguesa. Para facilitar a visualização e as análises, colocamos as materialidades uma ao lado da outra, visto que as análises são realizadas concomitantemente, conforme apresentamos abaixo:

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS



Texto-imagem 2 – Placa exposta na Avenida Dos suábios em Entre Rios, Guarapuava – Pr.



Texto-imagem 3 – Placa exposta na Avenida Rastatt, em Entre Rios, Guarapuava – Pr.

Ao observarmos os nomes da Avenida dos Suábios e da Avenida Rastatt, entendemos os nomes de ruas não só como indicadores de endereço, mas sim como discursos institucionalizados, uma vez que estão inseridos em práticas sociais e denominados por meio de projetos de lei. Além disso, fazem parte do funcionamento discursivo de um lugar, no entanto, uma questão primordial seria pensar no que faz com que cada rua receba seu devido nome. Seriam somente meios de homenagear certo acontecimento ou sujeito ou seria uma forma de manter viva a memória e a história de um povo? Sabemos que são inúmeros os motivos e que fazem parte de um jogo de forças político-ideológico que faz com que cada rua receba seu devido nome, porém, o que cabe a nós, nesse momento, é observar que efeitos de sentidos podem ressoar a partir de tais nomes.

A materialidade com o nome que traz como homenageados os Suábios do Danúbio, rememora/comemora esse povo que, conforme mencionamos, chegou ao Brasil por volta de 1950. A materialidade também traz logo abaixo do nome da avenida o discurso: “*marco da união de um povo*”. Isso pode provocar efeitos de sentidos que retomam o que eles possuem mais orgulho: a união e o trabalho que possibilitou a conquista de sua terra, sua “nova pátria” com garra, força e determinação. A materialidade em si, com seus discursos, reatualiza a memória e mantém viva a história os suábios.

Já a Avenida Rastatt, retoma a Alemanha, uma vez que Rastatt é uma cidade alemã, situada no estado de Baden-Württemberg. Na data de 03 de junho de 1988, o prefeito de Guarapuava-Pr, em exercício, Nivaldo Passos Krüger, sanciona, após a aprovação do legislativo, a lei 14/1988⁸ que declara a cidade de Rastatt, na República Federal da Alemanha, cidade irmã, do município de Guarapuava, estado do Paraná, Brasil. Isso é retomado na materialidade que traz o discurso “*cidade co-irmã*”. A partir dessa informação, lançamos um olhar mais abrangente ao nome que a rua recebe, pois, são múltiplos os efeitos de sentidos que podem ressoar a partir dessa informação, um deles, são os efeitos de verdade, posto que o discurso oficial traz esse efeito e legitima as cidades como irmãs.

⁸ Disponível em: http://www.pmg.pr.gov.br/leis/arquivos/1988/14_88.pdf Acesso em 02 de junho de 2013.

O LUGAR DA RUA NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE ENTRE RIOS

Além disso, ocorrem efeitos de identificação e união entre o Brasil e a Alemanha, pois, o fato de uma lei municipal declarar uma cidade estrangeira como irmã do seu município, simbolizando a “*amizade entre povos*” pode trazer tais sentidos, demonstrando um pertencimento de ambas as cidades a um só país, ou seja, ao Brasil ou à Alemanha. Nesse âmbito, os efeitos vão de encontro aos discursos encontrados na materialidade anterior, apontando para efeitos que mostram “*os estreitos laços entre Entre Rios e a Alemanha*”. Entre Rios, a partir das condições de produção apresentadas, é legitimada como parte da Alemanha, ou seja, como um lugar que pertence ao estrangeiro mesmo em território nacional.

Convém mencionar que, além disso, e das pessoas, fatos ou acontecimentos rememorados/comemorados por meio dos nomes de ruas, temos, também, o uso das duas línguas – alemã e portuguesa – que trabalham juntas, uma ao lado da outra e que nos fornecem meios de pensar na divisão ou a união desse lugar por meio da língua. A partir dessas breves análises, nos perguntamos se os discursos que constituem o espaço de entre rios – discursos que retomam o nacional e o estrangeiro – ressoam efeitos de divisão do espaço ou de união entre dois povos/nacionalidades? Esse fato nunca poderá ser provado por nós e talvez essa seja a grande contradição encontrada nesse lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e análises foi possível observar o fato de que na Colônia de Entre Rios ocorre uma prática discursiva que direciona para a história da colonização desse espaço e que ocorre de diversas formas, entre elas, por meio dos nomes de ruas que constituem e identificam o espaço urbano. Nesse sentido, tomamos a rua não somente como indicador de endereço, mas como parte do processo que dá visibilidade a uma identificação com a Alemanha, que trabalha com o interdiscurso, retomando o já dito e, ao mesmo tempo, trazendo para a atualidade e mantendo vivas as “memórias de um passado remoto”.

Ocorre em Entre Rios discursos de (re)atualização da memória inseridos nas materialidades e por meio dos nomes de ruas. A partir da rememoração/comemoração de sujeitos e acontecimentos que marcaram a história de Entre Rios, observamos a identificação dos suábios tanto com a Alemanha, uma vez que é visível “rastros” de sua origem e da história de colonização desse espaço, quanto com o Brasil, sua nova pátria. Ao pensar na Alemanha, convém mencionar a ligação dos suábios com este país. Os efeitos que promovem esta ligação foram mostrados nas materialidades, por meio de discursos e, de forma mais “palpável”, por meio da lei que legitima as cidades como irmãs, ressoando sentidos que deixam tanto o Brasil quanto a Alemanha como responsáveis por Entre Rios.

Além disso, escritura dos nomes de ruas e dos discursos em duas línguas significa mais do que o gesto empírico, uma vez que a análise de discurso considera a memória, no caso os discursos que retornam pelos nomes e a história tomada como historicidade e não como dados. As duas línguas – a portuguesa e a alemã – num mesmo lugar podem sinalizar tanto para efeitos de junção, quanto para a contradição, dada por sujeitos que vivem em um espaço físico, mas se identificam com outro espaço: o da pátria que ficou para trás, que é imaginariamente o lugar ideal. Mesmo assim, não se pode dizer com certeza que isso que acontece. Nesse sentido, os nomes das ruas escritos em duas línguas pode indicar (re)divisão, mas também união, que encaminha para saudosismo em relação à Pátria

distante e gratidão, pertencimento em relação ao lugar em que vivem: o Brasil. Talvez essa seja a maior e a grande contradição em funcionamento por/nessas materialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2º edição, 2005.

ORLANDI, Eni P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas: Unicamp, n. 1, p. 39-48, 1995.

ORLANDI, Eni P. *No Limiar da Cidade*. *Rua*, Campinas: Unicamp, n. esp., p. 8-19, 1999.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 8ª. Ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Vão surgindo sentidos*. In: *Discurso Fundador / Eni P. Orlandi (Org) – Campinas, São Paulo: Pontes, 3ª Edição, 2003a*.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, MICHEL. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio / Michel Pêcheux; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al]-2ª edição. – Campinas, SP: editora da Unicamp, 1995*.

STEIN, M. *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-Pr. Guarapuava: UNICENTRO, 2011*.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.

_____. *Leitura de um espaço urbano: subjetividade e poder das palavras. Desenredo, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 2 - p. 233-251 - jul./dez. 2009a*.

THE STREET'S PLACE IN THE DISCURSIVE FUNCTION OF ENTRE RIOS

ABSTRACT

The importance of studies related to the urban space throughout the discursive way is the genesis of this article, in which an effort is made to identify possible effects of meaning that indicate the division or re-division of urban space, at colônia alemã de Entre Rios, in Guarapuava – Paraná. To that end, based on the Discourse Analyses of french guidance, we think of city as a place of meaning production, with street names taken up for our corpus, which make part of this space

KEYWORDS: Urban Space; commemorating/remembering; Discourse Analyses; identification; division/redivision

Recebido em 12 de agosto de 2013; aprovado em 25 de novembro de 2013.